

RELATÓRIO ESTIAGEM Nº 06/2022 – SEAPDR

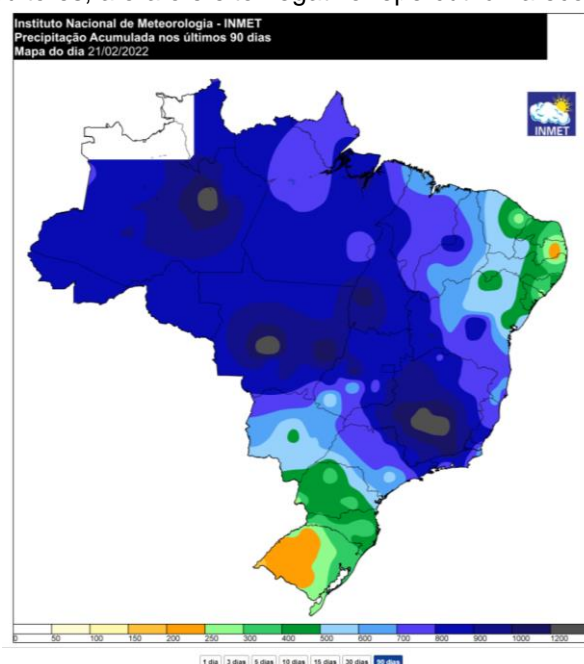
SITUAÇÃO DA ESTIAGEM

A longa estiagem que afeta o Rio Grande do Sul persiste. Desde julho do ano passado, os volumes de precipitação pluvial vem se apresentando abaixo da média no RS.

Os quadros extremamente graves estão nas regiões Noroeste/Missões, Planalto, Alto Uruguai, Depressão Central, Fronteira Oeste e Campanha.

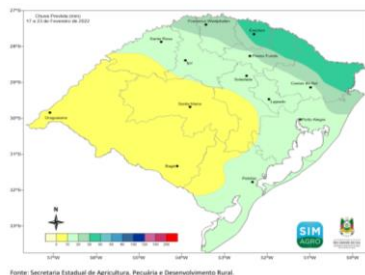
O mapa do INMET, de precipitações acumuladas nos últimos 90 dias, abaixo, ilustra bem a situação de escassez de chuvas, histórica, que o Rio Grande do Sul atravessa, sendo a mais grave do país nos últimos meses.

Conforme relatórios anteriores os maiores prejuízos estão nas culturas da soja e milho. Deixarão de serem colhidos mais de 15 milhões de toneladas, com prejuízos que podem chegar a 37 bilhões somente aos agricultores, afora o efeito negativo repercutirá na economia do RS.



PANORAMA CLIMATOLÓGICO DA ÚLTIMA SEMANA E PROJEÇÃO

Na última semana, os volumes de chuva foram baixos em praticamente todo Estado: inferiores a 5 mm, com exceção em algumas áreas da Campanha, Zona Sul, Planalto e Serra do Nordeste que ocorreram volumes entre 10 a 20 mm. As temperaturas do ar foram mais elevadas em relação à semana anterior e alta amplitude térmica diária, conforme as informações divulgadas pelo Conjuntural Emater no. 1698 de 17 fevereiro de 2022. No mesmo relatório conjuntural a previsão até o dia 23 de fevereiro apontava poucas chuvas como se observa a seguir.



A partir do dia 24/2, a se confirmar a previsão de chuvas, até 28/2, traz alento, especialmente aos produtores mais castigados pela estiagem na Fronteira Oeste e Missões.

DECRETOS EMERGENCIAIS NO RIO GRANDE DO SUL

Subiu para a 412 o número de prefeituras que decretaram situação de emergência devido a estiagem, mais quatro ainda apenas com registro S2ID, **totalizando 416 ou seja, 83% dos municípios**. Destes, 378 já tiveram a situação reconhecida pela União. A relação pode ser vista em <https://www.defesacivil.rs.gov.br/estiagem>

EFEITOS DA SECA: ALERTA - GRANDES INCENDIOS EM CORRIENTES/AR

Consequencia desta seca histórica, os incendios não cedem em Corrientes, província argentina limítrofe com o Rio Grande do Sul. Aproximadamente 10% do total de **toda província** foi queimada nas últimas semanas. O governador está solicitando ajuda até da União Europeia e EUA.

A destruição é cada vez mais visível. Campos arrasados e animais mortos (nativos e domésticos) estão por toda província. Os prejuízos são milionários em cercas, pastagens e benfeitorias queimadas nas propriedades rurais. A situação é tão grave que o Ministro de Agricultura da Argentina em visita a Corrientes falou em planos de 5 e 10 anos para recuperação. Até a vacinação contra aftosa está sendo motivo de atenção, com nova data em função dos incendios.

A crise atinge Corrientes, o norte de Entre Rios, o sul de Misiones, oeste de Chaco e Formosa, toda uma região que representa 35% da pecuária de corte da Argentina.

Esta estiagem é sem precedentes na região e por conseguinte também na fronteira oeste do Rio Grande do Sul. O prefeito de São Borja, Eduardo Bonotto, fez uma alerta sobre o perigo dos incendios chegarem no lado brasileiro.

EFEITOS NO PR, SC, MS e URUGUAI

A estiagem que atinge **Santa Catarina** desde o ano passado já causou prejuízo superior a R\$ 3,7 bilhões à agricultura do Estado. O valor representa o somatório das perdas verificadas até o momento nas lavouras catarinense de milho (grão e silagem), soja e feijão primeira safra. Os dados são da Epagri/Cepa.

Já no estado do **Paraná**, que publicou decreto estadual de emergência por 180 dias, segundo dados do Departamento de Economia Rural – Deral, da Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento, as perdas teriam impacto financeiro que pode variar de R\$ 25 a 30 bilhões. A previsão da produção de soja é de 12,8 milhões de toneladas, redução de 39% em comparação com a expectativa inicial de 21 milhões de toneladas. No feijão, essa perda foi da ordem de 31%, e no milho, insumo central para o desenvolvimento das cadeias de produção animal, o percentual de perdas atinge 37%.

A quebra na ponta da lavoura desencadeia um efeito dominó que impacta outras atividades que dependem do setor primário para produzir, como a produção de proteína animal (aves, bovinos, suínos, peixes, ovos e leite). Os pecuaristas vão encontrar desabastecimento e preços altos na hora de alimentar os plantéis e a agroindústria terá menos matéria prima para processar.(Deral/SEAB)

A situação também é preocupante no **Mato Grosso do Sul**, onde o governo do estado emitiu um decreto de emergência para todos os municípios.Os danos foram maiores até dia 18 de janeiro. Na cultura da soja, em comparação com a safra 2020/2021, quando foram colhidas, em média, 62,84 sacas de soja por hectare e produzidas 13,306 milhões de toneladas, há retração de 19,48% na produtividade e de 13,84% na produção.

No **Uruguai**, a área declarada como Zona de Emergência Agrícola, devido a seca, abrange 16 dos 19 departamentos do país. No Norte, especialmente nos departamentos de Artigas e Salto os produtores desta províncias enfrentam graves problemas de falta de alimentos e água para os rebanhos.

EFEITOS DIRETOS NOS CULTIVOS E CRIAÇÕES DA AGROPECUÁRIA:

MILHO

Segundo a Emater, 98 mil produtores de milho foram ou estão sendo atingidos pela seca. Até o momento, 128 municípios apresentam perdas maiores de 70% no cultivo. A colheita avança para 54% da área. A perda de produtividade dos cultivos implantados até a metade do período indicado pelo Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) se consolida em 53% em relação à projeção inicial. Já as lavouras implantadas mais recentemente na metade leste do estado, com as condições ambientais mais favoráveis, apresentam um bom estabelecimento inicial e desenvolvimento mais uniforme.

As perdas são variáveis, sendo que na região de Frederico Westphalen, 85% da área já foi colhida, com redução de produtividade de 65%. Na região de Santa Maria, a colheita alcançou 33% da área, e a perda é superior a 70%. A colheita já foi realizada em 87% da área na região de Santa Rosa, com 47% de redução de produtividade. Nessa região, mesmo nas lavouras semeadas recentemente, há áreas com problemas de germinação e emergência, sendo que as áreas com maiores problemas podem ser eliminadas para a implantação de outras alternativas, como a aveia branca. Na região de Erechim, a colheita avança para 45% da área, com perdas de 60%.

Na média do estado, a colheita já foi realizada em 54% da área, 19% está em maturação, 21% entre a floração e o enchimento de grãos, 6% em germinação/desenvolvimento vegetativo e faltam 1% das áreas a serem semeadas.

Conforme a “Segunda Estimativa da Safra de verão 2021/22”, divulgada pela Emater, a expectativa de redução da produção é de 54,7%, sendo ajustada de 6,11 para 2,77 milhões de toneladas, redução de cerca de 3,34 milhões de toneladas. Em termos financeiros, a perda dos agricultores chegaria a aproximadamente R\$ 5,29 bilhões.

No entanto, com um cenário mais preocupante, a Associação das Empresas Cerealistas do Estado do Rio Grande do Sul – Acergs, estima que a quebra da safra de milho seria de 65%, o que se reflete numa redução de aproximadamente 4 milhões de toneladas, levando em consideração a estimativa inicial de produção da Emater. Em termos financeiros, esta quebra estaria estimada em cerca de R\$ 6,3 bilhões aos agricultores, nos preços atuais do grão.

Quanto ao milho silagem, 65% da área já foi colhida. A produção foi inicialmente estimada em 13,2 milhões de toneladas, ajustada para 5,3 milhões de toneladas, conforme divulgação recente da Emater, quebra de cerca de 59,9%, com redução da qualidade do material ensilado.

SOJA

Conforme a Emater, o número de produtores de soja atingidos pela seca ultrapassa os 88 mil, ou seja, quase a totalidade dos sojicultores. As chuvas registradas nesta semana foram de menor abrangência e volume. De maneira geral, segue a expectativa de redução de potencial produtivo, com o estande de plantas abaixo do ideal, baixa área foliar e antecipação do ciclo da cultura.

Nesta semana, a semeadura foi concluída no estado, sendo que atualmente 15% das áreas estão entre os estádios de germinação e desenvolvimento vegetativo, 37% na fase de floração, 44% em enchimento de grãos e 4% em maturação. Apesar de já ter iniciado, a colheita ocorreu em uma área pequena e não figura nas estatísticas.

Segundo a entidade, a expectativa de diminuição da produção em relação à projeção inicial de 19,94 milhões de toneladas é de 43,84%, uma perda de aproximadamente 8,7 milhões de toneladas, ajustando a safra para apenas 11,2 milhões de toneladas. Em termos financeiros, a quebra equivale a R\$ 27,8 bilhões aos agricultores.

Recentemente, um novo levantamento da Cooperativa Central Gaúcha – CCGL, por meio da Rede Técnica Cooperativa – RTC, estima a quebra da safra de soja em 60% em relação à expectativa inicial de produção das 21 cooperativas integrantes da rede, que juntas cultivam cerca de 50% da soja do estado. A produtividade média levantada pela entidade na sua área de atuação é de 24 sacos por hectare. No entanto, em diversas regiões já são apontadas perdas superiores a 80% e produtividades inferiores a 10 sacos por hectare. O levantamento indica uma redução ainda maior na expectativa de produtividade caso as chuvas não retornem de imediato em todo o estado.

Diante desse cenário, a estimativa da entidade para a produção estadual seria de aproximadamente 8,5 milhões de toneladas, podendo ser reduzida caso haja continuidade das condições adversas de clima, sendo que a segunda quinzena de fevereiro é primordial para a cultura, uma vez que 85% das lavouras estão em fase reprodutiva, momento de maior demanda hídrica. Em comparação com a expectativa inicial de produção da Emater, a quebra seria de 11,44 milhões de toneladas, o que a preços de hoje representaria cerca de R\$ 37 bilhões.

ARROZ IRRIGADO

Conforme o 5º Levantamento do Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, realizado pela Conab, a estimativa atualizada para o estado do RS é de uma produção de 7,4 milhões de toneladas, redução de cerca de 716,4 mil toneladas, ou seja 9% menor, em comparação com a estimativa inicial da entidade, de produção de 8,14 milhões de toneladas.

Segundo a Emater, durante a semana que passou, a condição de tempo nas principais regiões produtoras teve o predomínio de ar seco e alguns dias com temperaturas elevadas. A grande variação de temperaturas ocorrida durante a semana pode afetar as lavouras em fases reprodutivas.

Há relatos de abandonos de áreas pela falta de água, sendo que, no município de São Borja, 9% das lavouras foram abandonadas e a irrigação intermitente é realizada em grande parte das lavouras, onde estima-se a perda de produtividade de 30%. Em Uruguaiana, estima-se que 15% das lavouras foram abandonadas e a produtividade pode ser afetada em até 20%. Na região de Santa Maria, a expectativa de produtividade é 15% inferior a inicialmente estimada. Segue a preocupação com o nível dos mananciais de água em várias regiões do estado.

De maneira geral, segue a preocupação com a ocorrência de altas temperaturas, sendo que 31% das áreas estão na fase de floração, período no qual a ocorrência de altas temperaturas é prejudicial para a determinação do potencial produtivo da cultura. Da área cultivada, atualmente 12% está entre os estádios de germinação e desenvolvimento vegetativo, 35% em enchimento de grãos, 19% em maturação e 3% já foi colhido.

FEIJÃO 1ª SAFRA

Segundo a Emater, durante a última semana, a colheita avançou para cerca de 60% da área cultivada. A produtividade média verificada é de aproximadamente 20 sacos por hectare, mais de 30% inferior à projeção inicial de rendimento.

Na região de Santa Maria, as perdas alcançam 60% da projeção inicial, com abandono de algumas lavouras que não serão colhidas.

Por sua vez, a Conab, no 5º Levantamento do Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, tem uma estimativa atualizada para o estado do RS de uma produção de 34,7 mil toneladas, redução de cerca de 35 mil toneladas (50,2%) em comparação com a estimativa inicial de produção de 69,7 mil toneladas. A preços atuais representaria perdas de cerca de R\$ 160 milhões aos agricultores.

TABACO

Informações da Afubra estimaram uma redução de 10% em média no RS, sobre a expectativa da safra 21/22 que estava estimada em 265.610 toneladas. A maior quebra se deu nas regiões de plantios mais tardios como Sobradinho e na Metade Sul (Canguçu, Piratini, São Lourenço, Camaquã e outros). Confirmando uma redução de 10%, as perdas diretas aos fumicultores chegariam próximo a R\$ 300 milhões.

CITROS

A estiagem também trouxe perdas na citricultura. No Alto Uruguai, principal região produtora de laranja para suco, a estimativa de redução está entre 20 até 30% da safra 2022. No Vale do Caí, as variedades de bergamotas precoces são as mais afetadas, com tamanhos de frutas menores e um volume total cerca de 20% menor. No Vale do Taquari as perdas são maiores por problemas ocorridos na floração e agravados pela falta de chuvas.

UVA

Segue previsão de que a estiagem causará perdas na produção de uva no Rio Grande do Sul, ao redor de 20% ante uma previsão inicial de 750 mil toneladas de uvas, segundo a UVIBRA.

Esta redução pode gerar prejuízo direto de mais R\$ 300 milhões para 16.800 vicultores do estado. Indiretamente haverá perdas nas indústrias, que deixarão de produzir vinhos, sucos e espumantes.

MAÇÃ

A preocupação dos produtores de maçã, com os efeitos da estiagem prolongada, foi agravada com o incêndio na empresa Schio, em Vacaria, uma das maiores exportadoras do Brasil. Segundo o presidente da Agapomi - Associação Gaúcha de Produtores de Maça, a safra do RS poderia ter uma redução de até 30% no volume da colheita. O clima seco reduziu o tamanho das frutas, o que também prejudica as exportações. Além da falta de água, o calor excessivo deixou as frutas mais amarelas e queimadas do sol.

NOZ-PECÃ

Há relatos de queda de frutos, que estão em fase de crescimento e desenvolvimento. A cultura depende muito de água para enchimento das nozes e a produção deve ser prejudicada pela falta de chuvas e dificuldade para a planta formar a quantidade de frutos que tem potencial.

ERVA-MATE

Segundo o Assessor Técnico da Câmara Setorial da Erva-Mate da SEAPDR, Tiago Fick, as projeções para a produção estadual de erva-mate continuam apontando para uma perda média de aproximadamente 10%, quadro já irreversível, mesmo com o retorno das chuvas. As maiores projeções de prejuízos, em determinados municípios, que eram de 30%, podem ter leve redução desse percentual.

As perdas mais severas ocorrem nos plantios novos, o que não afeta a colheita em si, uma vez que se tratam de áreas ainda não produtivas, mas de perda do investimento do produtor. Há relatos de áreas com perdas próximas de 90% das mudas plantadas por falta de água.

OLERÍCOLAS

Na Fronteira Oeste, região mais castigada pela estiagem, conforme dados do Conjuntural da Emater/RS, Itacurubi passa por grave quadro de estiagem, e estima-se que toda a produção de mandioca para comercialização com área cultivada de nove hectares foi perdida, também havendo comprometimento das áreas destinadas para o autoconsumo. Em São Borja, agricultores que participam da feira semanal estão com reduzida disponibilidade de produtos devido à falta de água para irrigação dos cultivos, com maior impacto na produção de alface e rúcula. Na Campanha, produtores de Bagé que perderam boa parte da produção de folhosas de janeiro devido às altas temperaturas, aproveitaram o clima ameno do período para realização de novos plantios. Na regional de Ijuí, a atividade sente os impactos diretos e indiretos da estiagem, com redução da produção e consequente diminuição da oferta de produtos nas feiras e mercados locais. A falta de chuvas e redução dos volumes dos reservatórios de água compromete os cultivos a campo.

Conforme relatado na semana anterior várias hortaliças outras tiveram expressiva alta de preços na CEASA/RS neste mês de fevereiro em função da escassez de oferta.

AVICULTURA

A Associação Gaúcha de Avicultura (ASGAV) estima um prejuízo no setor avícola, somente no mês de janeiro de 2022, entre 15 a 22 milhões de reais provenientes de mortalidades, perda de peso dos animais e perda de produção de ovos.

PASTAGENS

Nas áreas que seguem sem precipitações, aliadas às altas temperaturas e baixa umidade relativa do ar, as pastagens nativas extremamente secas estão suscetíveis às queimadas. Nas regionais administrativas da EMATER de Bagé, Pelotas e Caxias do Sul as precipitações ocorridas permitiram rebrote e retomada de recuperação das pastagens. Já na regional de Passo Fundo, apesar da ocorrência de precipitações, as forrageiras apresentam baixo nível de rebrote e pouca oferta de alimentos volumosos.

Cabe ressaltar que os incêndios seguem preocupando. O município de São Borja está em estado de alerta, já que um incêndio de grandes proporções atinge a cidade de São Tomé, na Argentina. O fogo já dizimou 800 mil hectares entre áreas de eucalipto e campo nativo na região que faz fronteira com o município de São Borja. As chamas no país vizinho podem ser vistas dos pontos mais altos do município gaúcho.

BOVINOCULTURA DE CORTE

Nas regiões Central e Sul do Estado, em locais com solos mais arenosos e onde o volume de precipitações foi insuficiente, a estiagem segue crítica, tanto pela falta de pastagens, como pela falta de água para dessedentação animal. Na regional administrativa da EMATER de Bagé, para os produtores que tem condições, a aquisição de rações, farelos, fenos e silagens segue sendo necessária para minimizar perdas de condição corporal e até a morte de animais. Segundo o Informativo Conjuntural da EMATER de 17/02, nas regionais administrativas de Pelotas e Passo Fundo, as pastagens e disponibilidade de água apresentaram discreta melhora com as precipitações ocorridas. Já na regional administrativa de Santa Maria, os rebanhos tem apresentado baixo escore corporal, especialmente nos rebanhos de cria, onde a exigência nutricional é maior.

Em relação aos preços, estes tem apresentado oscilações. Segundo Informativo Semanal de 16/02 elaborado pelo Núcleo de Estudos em Sistemas de Produção de Bovinos de Corte e Cadeia Produtiva (NESPro), o preço do gado gordo apresentou queda em relação à semana anterior de coleta de dados. Foram observadas quedas nas categorias macho a rendimento de carcaça, vaca a rendimento, boi gordo a peso vivo e fêmea peso vivo. Os preços do gado de reposição, em geral,

baixaram nesta semana. As exceções ficaram por conta das categorias novilha (13-24 meses) e novilha (26-36 meses) que obtiveram um aumento de 0,6% e 11,6%, respectivamente, em relação à última coleta. Segundo o NESPro, essas oscilações de preços são consideradas normais dentro do cenário atual que é de incertezas, com a estiagem e baixo crescimento econômico. Projetam ainda que se tal cenário persistir, há probabilidade da oferta de animais diminuir nos próximos 20 dias e que ocorra uma retomada dos preços praticados em janeiro.

BOVINOCULTURA DE LEITE

Seguem as sérias dificuldades para manutenção da atividade leiteira. Nas localidades mais afetadas pela estiagem a alimentação dos animais está basicamente voltada para fornecimento de ração, já que o pouco volume de silagem de milho produzido nesta safra já foi quase todo consumido. Além disso, seguem os problemas com falta de água para dessedentação de animais bem como para limpeza dos equipamentos de ordenha.

Na região administrativa da EMATER de Santa Rosa, as altas temperaturas associadas à falta de chuvas seguem provocando queda na produtividade do leite. Mesmo nas áreas com pastagens irrigadas, não está sendo possível suprir a demanda por água. Assim, com a falta de pastagens, muitas famílias estão utilizando as reservas de silagem para alimentação dos animais, ocasionando diminuição do estoque que seria utilizado durante o vazio forrageiro. Já nas regionais administrativas de Porto Alegre e Caxias do Sul, as pastagens cultivadas e o campo nativo reagiram às chuvas das últimas semanas, no entanto, ainda faz-se necessária a suplementação dos animais. Na região administrativa de Ijuí, a rentabilidade da atividade está comprometida, devido principalmente a diminuição de produtividade por animal e a redução do preço pago ao produtor.

Tais adversidades tem aumentado os custos da atividade e por sua vez, diminuído a receita dos produtores. Situação esta vivenciada também em outros estados brasileiros não afetados pela estiagem. Segundo o Boletim do Leite de Fevereiro/2022 elaborado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA-ESALQ/USP) em Janeiro de 2022 o COE (Custo Operacional Efetivo) avançou 1,68% na “média Brasil” – que leva em conta os estados da Bahia, Goiás, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Os grupos de custos que mais influenciaram essa alta no primeiro mês de 2022 foram os Suplementos Minerais, com elevação de 2,54%, seguido dos Medicamentos Antibióticos (+ 2,35%), Adubos e Corretivos (+0,89%) e Concentrados (+0,57%). O aumento dos concentrados são reflexos do aumento dos preços dos grãos, devido à estiagem no Sul do Brasil e o excesso de chuvas na região Centro-Norte do país. Cumpre esclarecer que o COE da atividade leiteira inclui gastos com ração, mão de obra, medicamentos, manutenção de máquinas, benfeitorias e equipamentos, material de ordenha e de inseminação artificial e todos os itens referentes aos desembolsos realizados pelo produtor.

PISCULTURA E PESCA ARTESANAL

Em algumas localidades, os reservatórios ainda não recuperaram os níveis de armazenamento, apresentando ainda problemas com a qualidade da água. Em algumas regiões os piscicultores realizam a liberação de alevinos, já em outras a aquisição ainda não iniciou, devido ao baixo nível dos açudes. Nas localidades com situação mais crítica, os piscicultores estão realizando a despesca antecipada. Na regional administrativa da EMATER de Santa Rosa, nas localidades onde não ocorreram precipitações, a utilização de aeradores é constante, a fim de evitar a morte dos peixes. Nesses locais os piscicultores estão reduzindo a alimentação para evitar problemas de turbidez e diminuição da oxigenação. Na regional administrativa de Porto Alegre, houve registro de morte de tilápias, que pode estar associada às altas temperaturas e ao baixo nível dos reservatórios. Na região de Ijuí os tanques de criação também seguem com níveis baixos, provocando aumento da mortalidade de peixes.

Já na pesca artesanal, a região administrativa da EMATER de Pelotas, tem apresentado em diversos municípios boas capturas de camarões, que estão também com boa qualidade. No município de Arroio Grande, a estiagem tem prejudicado os pescadores, obrigando-os a se afastar

bastante até encontrar águas mais profundas. Na regional de Bagé, no município de Manoel Viana, a situação do Rio Ibicuí está crítica, já que o volume de água está muito abaixo do normal, forçando os pescadores, em alguns trechos do rio, a ter de descer dos barcos e empurrar, já que não há condição de navegação. Também na região de Santa Rosa, o nível do Rio Uruguai está muito baixo, acarretando em maus resultados de pesca e peixes de qualidade inferior.

APICULTURA

Nas regiões administrativas da EMATER de Caxias do Sul, Ijuí e Pelotas, a atividade tem sofrido sérios impactos devido à estiagem. É verificada diminuição na produtividade dos enxames, devido à baixa disponibilidade de pasto apícola.

IMPACTOS ECONÔMICOS INDIRETOS E INDUZIDOS DEVIDO À QUEBRA NA PRODUÇÃO E REDUÇÃO DE RECEITAS DOS PRODUTORES DO SETOR AGROPECUARIO FRENTE A ESTIAGEM NO VERÃO 21/22.

Efeitos indiretos da estiagem:

1. Redução nas vendas do comércio nos municípios;
2. Menor consumo de combustíveis (diesel);
3. Diminuição de transportes de cargas/fretes de produtos agropecuários;
4. Diminuição na arrecadação de impostos pelo Estado e municípios;
5. Redução na venda de máquinas, equipamentos e insumos agrícolas;
6. Necessidade de importação entre 3,5 a 4,0 milhões de toneladas de milho;
7. Aumento dos custos de produção das cadeias de aves, suínos, bovinos e laticínios;
8. Redução de empregos no meio rural e em cidades de pequeno e médio porte. Em 2004, 2005 e 2012, anos de grande diminuição na produção de soja, os números de postos de trabalho não gerados devido à quebra foram, respectivamente: 73.303, 82.350 e 72.335 (dados de trabalho de pesquisadores da FEE – atual DEE/SPGG);
9. Diminuição de trabalho para prestadores de serviços de colheitas, armazenagem, etc;
10. Menor atividade do complexo agroindustrial oleaginoso;
11. Menor exportação de soja e outros produtos agropecuários e de serviços portuários;
12. Problemas para pagamentos de financiamentos bancários, arrendamentos e a fornecedores de insumos, maquinário, combustíveis, etc;
13. Necessidade de refinanciamentos com prazos adequados para poder plantar a próxima safra;
14. Renegociação de dívidas com empresas privadas;
15. Efeitos na qualidade de insumos e tecnologia para próxima safra;
16. Reflexos em algumas culturas frutíferas para a próxima safra;
17. Efeitos multiplicadores diversos na macroeconomia do RS;
18. Abandono da atividade agrícola e êxodo rural.

Equipe técnica

Alencar Rugeri – Diretor Técnico da EMATER/ASCAR

Altamir Mateus Bertollo – Engenheiro Agrônomo da SEAPDR

Caio Fábio Stoffel Efrom – Diretor do Departamento de Diagnóstico e Pesquisa Agropecuária SEAPDR

Flávio Varone – Meteorologista da SEAPDR

Fernanda Roberta Pereira Tatsch - Engenheira Agrônoma da SEAPDR

Jossana Ceolin Cera – Meteorologista do IRGA

Luciano da Luz Medeiros – Chefe da DATER do IRGA

Paulo Lipp João – Diretor do Departamento de Políticas Agrícolas e Desenvolvimento Rural SEAPDR

Ricardo Felicetti – Diretor do Departamento de Defesa Vegetal SEAPDR

Róger Frederico Strauss - Engenheiro Agrônomo da SEAPDR

Rosane Collares Moraes – Diretora do Departamento Vigilância e Defesa Sanitária Animal SEAPDR

Valdomiro Haas - Engenheiro Agrônomo da SEAPDR

Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural

Avenida Getúlio Vargas, 1384 | Menino Deus, Porto Alegre - RS

CEP: 90150-004 | Fone: (51) 3288.6200